TL 1820-3

Entregue no hotel em 16/05/94

Lisboa, 14 de Maio de 1994

Caro peregrino timorense,

Somos um grupo de timorenses e portugueses, uma parte da opinião pública deste país para quem Timor-Leste é um assunto muito importante. Principalmente após os terríveis acontecimentos do cemitério de Santa Cruz, os portugueses despertaram para a questão: em aldeias isoladas houve velas acesas nas janelas dias a fio depois de a TV ter mostrado as imagens do massacre; em muitas cidades, jovens estudantes que não sabiam sequer onde ficava Timor saíram à rua em manifestações espontâneas gritando a sua raiva perante a opressão indonésia. O Presidente da República decretou um dia de luto nacional.

Hoje, mais de dois anos passados sobre essa data, os portugueses continuam a preocupar-se com Timor-Leste. Inquéritos de opinião recentes mostram a grande maioria dos portugueses acham que Timor-Leste não é uma causa perdida e que é possível uma solução a favor dos timorenses. Não há praticamente dia nenhum em que não saiam na imprensa nacional notícias sobre Timor.

Queríamos dizer-lhe o que pensamos desta iniciativa, desta vossa visita ao nosso país. Ninguém em Portugal, jornalistas, políticos ou simples cidadãos, tem dúvidas que ela foi planeada, organizada, controlada e paga pela Indonésia. Serve os seus interesses passar uma imagem de "normalidade", incrementar para já o fluxo de pessoas e de trocas comerciais, na esperança de no futuro isso possa conduzir ao restabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países e a tornar Timor-Leste um caso esquecido.

Por essa razão somos contra a iniciativa. O espírito dito de "reconciliação" que a suporta não nos parece legítimo. As divergências essenciais não são entre timorenses, mas sim entre os timorenses e a Indonésia, entre a Indonésia e a Comunidade Internacional. Por esse motivo não são os timorenses que precisam de se reconciliar entre si, mas a Indonésia que tem de se reconciliar com o mundo e com o Direito Internacional que ela violou. Isto não quer dizer no entanto que estejamos automaticamente contra todos os timorenses que integram este grupo. Percebemos que nas difíceis condições do território ninguém é livre de dizer o que realmente pensa e acreditamos que muitos de vós concordam no fundo com o que estamos a expôr.

Portugal é uma democracia e portanto não existem impedimentos políticos à livre circulação de pessoas: qualquer um pode entrar ou sair do país. Por essa razão o vosso grupo pôde entrar em Portugal. Se algum de vós quisesse cá ficar bastaria declarar essa intenção, pois à face da lei os timorenses são cidadãos portugueses. Essa liberdade não existe, como bem sabe, nem na Indonésia, nem em Timor-Leste: quantos jornalistas, quantas organizações humanitárias foram proibidas de se deslocar ao território, quantos timorenses foram impedidos de sair de Timor contra a sua livre vontade?

Como chamada de atenção suplementar, referimos sem juízos de valor alguns dados factuais relativos aos amigos da Indonésia em Portugal, aqueles que vos irão servir de anfitriões: Nuno Rocha, apresenta-se como jornalista, mas nenhum jornal credível lhe aceita artigos há muitos anos; Galvão de Melo, general reformado, foi candidato presidencial em 1976, recebendo menos de 1% dos votos; Manuel Macedo, é referenciado como envolvido em atentados à bomba em processos em curso nos Tribunais.

Gostaríamos também de vos dizer que apesar dos esforços da Indonésia, Timor-Leste não é uma casa fechada e que vão chegando ao exterior notícias do sofrimento e da coragem do vosso povo. E que há muitos e muitos homens e mulheres em todo o mundo que estão com Timor, solidários com a luta pela autodeterminação e independência. Eles estão a esforçar-se para mudar a atitude dos seus Governos, um trabalho difícil, mas que já está a dar os seus frutos (o exemplo mais conhecido é o dos Estados Unidos). É possível ter esperança, é possível mudar. É mera questão de tempo, as ditaduras não são eternas. Há cinco anos atrás quem diria que os sul-africanos estariam hoje a festejar a sua liberdade?

Um pedido vos fazemos: abram os sentidos e o coração para tudo o que virem e ouvirem durante a vossa estadia em Portugal, levem convosco estas preocupações e espalhem-nas em Timor.

Um grupo de portugueses e timorenses solidários com Timor-Leste